

PECORARO, Rossano. **Niilismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007. 64p. Col. Filosofia Passo-a-Passo. ISBN 9788537800171

Franklin Ferreira Silva¹

O autor do livro, Rossano Pecoraro, é formado em filosofia pela Universidade de Salerno na Itália e mestre e doutor em filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. É autor de diversas publicações, atuando como pesquisador em áreas como pensamento contemporâneo, estética, filosofia e teatro, teoria política, comunicação e cultura.

Seu livro “Niilismo” é uma importante obra introdutória para quem deseja se aventurar por esse que é um dos temas mais marcantes da filosofia contemporânea. O autor realiza uma reconstrução histórica e teórica do niilismo analisando desde seus pensadores até os fatos históricos, literários e políticos mais marcantes desde sua origem até o seu impacto na vida contemporânea.

O livro é dividido em sete capítulos que resumem de forma cronológica o passar do niilismo pelo qual conhecemos, desde o final do século XVIII até os dias atuais. Logo na introdução, o autor faz uma rápida perpassada pela história do niilismo apontando desde a origem etimológica da palavra até citando alguns dos principais autores e obras que o marcaram. Além disso, o autor aponta alguns dos significados de niilismo que antecederam o significado a que hoje conhecemos, além de especificar alguns de seus pontos positivos e negativos.

O primeiro capítulo, relata as primeiras ocorrências do niilismo, como a carta de Friedrich Jacobi em 1799 condenando o idealismo de Johann Fichte de ser um niilismo, levando outros filósofos como Hegel a fazerem uso da palavra e a afirmar a necessidade de um “niilismo da filosofia transcendental” junto com a superação do relativismo em que estava a filosofia. A partir daí o conhecimento sobre o nada passa a ser um conceito de fundamental importância, mas ainda com suas variações de significado. Max Stirner relata até que o niilismo seria a rejeição a todo fundamento e verdade transcendental a existência.

No segundo capítulo o autor passa a relatar sobre a influência do niilismo na literatura russa através da obra “Pais e Filhos” de Ivan Turgueniev que relatou o niilismo como uma expressão precisa do momento histórico da Rússia no século XIX. Infelizmente, sua obra acabou por não agradar a todos devido a interpretação errônea que tiveram do termo. Fiodor Dostoievski foi outro autor que em suas obras exprimiu de forma voraz a dualidade da alma humana que leva desde o nada destruidor até uma salvação transcendental.

No terceiro capítulo, o autor relata um dos momentos mais importantes do niilismo, quando Nietzsche o eleva histórica e conceitualmente à questão cardeal da especulação filosófica. O autor revela a trajetória feita por Nietzsche dividida em dois pontos: um considerando o niilismo como um fenômeno negativo e o outro como fenômeno positivo.

Como ponto negativo, o niilismo é responsável por indicar a decadência do homem ocidental que se inicia com o racionalismo socrático até abrir caminho ao platonismo, que ao dividir o mundo em “das Ideias” e “sensível” acaba depreciando esse último, e ao cristianismo ao qual Nietzsche acusa de desvalorizar a vida em nome de um

¹ Estudante de Graduação em Filosofia da UFPI; Bolsista do grupo PET Filosofia/UFPI.

bem transcendental e impor uma moral de submissão. Já como ponto positivo, o niilismo é visto como um “método genealógico” usado para revelar um “super-homem” que se encontra abaixo de falsidades, imposturas e falsos ídolos da tradição.

No quarto capítulo, relata a influência violenta do pensamento de Nietzsche sobre o começo do século XX. Os ideias da tradição entram em uma profunda crise que levam a uma visão trágica do mundo e a um pessimismo cultural extremo. Seguindo o pensamento de Spengler, a sensação sentida é que a civilização ocidental está no final de um ciclo necessário que não poderá ser revertido, a ordem e os valores entraram em dissolução. A razão, que antes estava a serviço da vida, agora está levando o homem para a insensatez.

O existencialismo de Sartre dá uma nova dimensão a questão niilista com a extinção de toda referência exterior a qual o homem pode se apoiar para afirmar uma absoluta liberdade contida dentro de si mesmo. Além de Sartre, Camus, Cioran e Caraco são outras também filósofos citados, que ofereceram no pós-Segunda Guerra uma nova visão de homem a partir de um niilismo libertário e solitário.

No quinto capítulo, Jünger e Heidegger retomam os ideais niilistas de Nietzsche para analisá-lo e então discutir o problema do seu ultrapassamento. Para Junger, o niilismo não é nem positivo e nem negativo, mas um movimento necessário para se definir escopos mais precisos. O niilismo não é visto por ele nem como doença, caos ou mal, mas como um mundo reduzido caminhando para o zero. Mas o zero não é o fim, mas uma linha ou meridiano que demarca a divisão de dois momentos. Heidegger tenta então compreender a causa, e com isso, a essência do niilismo, reconhecendo-o e enfrentando-o sem tentar tirá-lo da realidade até a sua consumação essencial.

No sexto capítulo relata-se o envolvimento do niilismo com o debate político. Desde o seu surgimento no século XVIII, o niilismo sempre foi visto como um movimento de negação dos valores, normas e princípios estabelecidas. No cenário político, fez-se um movimento ligado as massa revolucionárias mais radicais. No então, muitos desses revolucionários viam o niilismo como um movimento reformador, construtivo e emancipacionista. Assim o capítulo relata a interferência teórica do niilismo nos movimentos, principalmente de esquerda, que culminaram em importantes revoltas no século XX.

No sétimo capítulo, o autor relata a pluralidade de vozes, teorias e análises que se apresentaram a partir dos anos 60 e que tentaram responder a crise que se deu pelo niilismo. Deleuze dá ênfase ao pluralismo colocando o niilismo como uma parte de uma afirmação de uma multiplicidade em devir. Já para Derrida, se a história e a metafísica ocidental está estruturada em contradições binárias de conceitos opostos, então não há como nós determinarmos um fundamento único a ser seguido. Nancy parte do pressuposto de que é necessário dar um sentido ao niilismo que rompa com toda ordem lógica que compreende a existência mesma que é “dar sentido desprovido de sentido”.

Caracciolo e Pareyson afirmam que o tempo que o destino nos confiou está sob o signo do niilismo e que é na destruição do ser e da verdade metafísica que se revela a singularidade da existência, o ser e a verdade concreta. Emanuele Severino revela que a sociedade ocidental se fundamenta no niilismo, mas tenta remediar inutilmente. Gianni Vattimo afirma que nossa cultura ainda não é totalmente niilista sendo essa a razão da crise existente da qual não conseguem sair.

Concluindo, o niilismo é sem dúvida um importante acontecimento para a filosofia e para a história da humanidade. Sua influência é marca registrada até nossos dias, mas que para muito ainda é mal visto. No entanto, é de se louvar as suas tentativas de dar à humanidade um novo rumo. Suas ideias podem parecer radicais inicialmente, não são o primeiro passo para podermos rever nossos conceitos e nossas prática, possibilitando uma mudança de valores a serem alcançados.